

MALDITAS ANTENAS HAARP: REFLEXÕES SOBRE O FANATISMO

Marcio Garrit*
Monah Winograd**

RESUMO

Vimos no Brasil uma onda de fanatismo e negacionismo em torno do que chamamos de movimento bolsonarista. Essa massa verticalizada e neofascista, que após a perda das eleições a presidência, se dispusera a acampar em frente a quartéis do exército para pedirem um golpe de estado. Tais atos se converteram em demonstrações de fanatismo e relativo negacionismo, a ponto de um dos manifestantes afirmar que as chuvas que estavam ocorrendo, em alguns dias ao longo do ato golpista, eram uma manipulação do tempo através da tecnologia de antenas Haarp, fato que motivou nossa pesquisa. O objetivo desse artigo é discorrer sobre os possíveis mecanismos geradores do fanatismo e negacionismo na massa. Para isso, lançaremos mão de conceitos psicanalíticos expostos em três momentos distintos, são eles: da negação da realidade em Freud à hipnose gerada na massa, os mecanismos alienantes do bolsonarismo e o funcionamento fanático.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Extremismo; Fanatismo; Massas; Negacionismo

DAMN HAARP ANTENNAS: REFLECTIONS ON FANATISM

ABSTRACT

We have seen in Brazil that for some years now there has been a wave of fanaticism around what we call the Bolsonaro movement. This verticalized and neo-fascist mass, which, with the loss of its leader's presidential elections,

*Psicanalista, professor e filósofo. Doutorando em Psicologia clínica pela PUC/RJ, Mestre em Psicanálise, saúde e sociedade pela UVA/RJ e Bacharel em filosofia pela Unisul/RS. Membro da SPID - Sociedade de psicanálise Iracy Doyle/RJ. Pesquisador das áreas de cultura e tecnologia aliada a psicanálise.

**Psicanalista, Professora do Departamento de Psicologia da PUC-RIO, coordenadora do Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU) e do Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-Rio.

had been willing to camp in front of army barracks to ask for a coup d'état. Such acts turned into demonstrations of fanaticism and relative denialism, to the point that one of the protesters claimed that the rains that occurred in a few days during the coup act were a manipulation of the weather through the technology of Haarp antennas. The purpose of this article is to discuss the possible mass mechanisms that generate fanaticism and denialism. For this, we will make use of psychoanalytical concepts exposed in three different moments, they are: From the denial of reality in Freud to the hypnosis generated in the mass, the alienating mechanisms of Bolsonarism and the fanatical functioning.

Keywords: Bolsonarism; Extremism; Fanaticism; Mass; denialism

MALDITAS ANTENAS HAARP: REFLEXÕES SOBRE EL FANATISMO

RESUMEN

Hemos visto en Brasil una ola de fanatismo y negación en torno a lo que llamamos el movimiento bolsonarista. Esta masa verticalizada y neofascista, que tras la pérdida de las elecciones presidenciales, estaba dispuesta a acampar frente a los cuarteles del ejército para pedir un golpe de Estado. Tales actos se convirtieron en manifestaciones de fanatismo y relativo negacionismo, al punto que uno de los manifestantes afirmó que las lluvias que se estaban dando, en algunos días durante el acto golpista, eran una manipulación del clima a través de la tecnología de antenas Haarp, hecho que motivó nuestra investigación. El propósito de este artículo es discutir los posibles mecanismos que generan fanatismo y negacionismo en las masas. Para ello, haremos uso de conceptos psicoanalíticos expuestos en tres momentos diferentes, ellos son: Desde la negación de la realidad en Freud hasta la hipnosis generada en la masa, los mecanismos alienantes del bolsonarismo y el funcionamiento fanático.

Palabras clave: bolsonarismo; Extremismo; Fanatismo; pastas; negacionismo

INTRODUÇÃO

Após a vitória de Luis Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 2022, uma massa verticalizada, bolsonarista e antidemocrática, negando o resultado das urnas eletrônicas, começaram a acampar em frente a quartéis gerais exigindo um golpe de estado. Tais movimentos demonstraram muito vivamente o quão é urgente o contínuo aprofundamento dos estudos psicanalíticos de funcionamento das massas. Nosso desejo de pesquisa nasce a partir de um episódio específico e viralizado nas redes em novembro de 2022.

Em meio à onda de manifestações, fortes chuvas prejudicaram os acessos e a continuidade das mesmas em algumas localizações. Em um desses acampamentos em São Paulo, durante uma live do polemista digital Paulo Kogos, uma manifestante aparece e acreditamos que não foi combinado, para expor sua teoria da conspiração a respeito do clima. Segue sua fala, publicada no portal de notícias DCM e também comentada no canal do *Youtube Meteoro*. “*Os caras estão mandando chuva aí... Haarp, são poucos hoje os que não sabem o que são antenas Haarp, viu. O povo não é mais besta. A gente sabe que é antenas Haarp e que a chuva e esse tempo não é por causa de aquecimento global nem peido de vaca, são antenas Haarp.*”¹

Essa fala comprova o funcionamento paranoico da mente fanática, e também nos impulsiona, tendo a psicanálise como ponto central, a entender como esse fenômeno nasce e se prolifera na cultura. De acordo com Eder C. Molina, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, a probabilidade dessa tecnologia interferir no clima é mínima². Importante marcar que não será nosso objetivo explicar o que é a tecnologia Haarp³, e sim o que é o fanatismo e como ele opera discursivamente, utilizando-se de objetos diversos para alimentar e propagar sua posição paranoica, a fim de aprisionar e manter constantemente em alerta seus adeptos.

DA NEGAÇÃO DA REALIDADE EM FREUD À HIPNOSE GERADA NA MASSA

A psicanálise é uma proposta Freudiana que se coloca, também, disposta a estudar o que é a negação e como ela se evidencia na clínica e na cultura, isso é demonstrado ao longo do pensamento freudiano, é com a *Verneinung* de Freud que começamos a entender o que vem a ser o desejo recalcado e sua suposta manifestação a partir de nossas negações. Porém, é em uma publicação de Freud de 1925, em um texto curto e muito relevante a respeito do tema, que esse conceito fica evidenciado em toda sua complexidade e importância. Partiremos dessas reflexões e também de outras publicadas em 1913 e 1921, *Totem e tabu e Psicologia das massas*, para iniciarmos nossa leitura a respeito do fanatismo e negacionismo.

Vimos que a aposta corajosa de Freud com o conceito de negação vai apontar uma psicanálise, que insiste em dizer que o sujeito é um sujeito escondido de si mesmo. Um sujeito que necessitará acreditar, aceitar e

refletir sobre o que pensa e julga a partir das interpretações analíticas, de suas *Verneinung* e *Verleugnung* (*Negação e recusa*). Talvez, influenciado pelo seu histórico clínico com as históricas, Freud vai apostar que a realidade é psíquica e com isso, põe em cheque qualquer afirmação, qualquer racionalização do analisando. Pois, seguindo seu raciocínio, tudo aponta para outra coisa e essa “coisa” tem um motivo de ser. E para isso precisaremos nos debruçar um pouco mais sobre suas conclusões no principal texto que aborda tal conceito.

Ao analisar o que seria o ato de negar na clínica, Freud (1925) se arrisca ao afirmar que o analista deve ignorar o que se nega, para com isso extrair o real sentido da ideia negada, acreditando no que o analisando menos apostar, ali há uma confissão! Esse movimento pode ser conceituado como uma forma de reconhecimento do que se é recalçado. Como sabido, pedra angular da psicanálise. Com isso, vemos que o que se nega é uma forma de içamento sem consentimento do que se recalca. O objetivo deve estar centrado aí, vencer o que se nega e atribuir uma qualidade à coisa, dando seu devido sentido à realidade, a qual deveria estar inserida na vida do analisando. Porém, como nada é simples e linear na psicanálise, o Eu-Prazer não permitirá isso facilmente, pois tentará deixar fora dele tudo aquilo que o ameaça. Percebe-se um processo de julgamento em andamento no psiquismo humano, o princípio de prazer com sua função de incluir ou expulsar no Eu aquilo que lhe convencionar de acordo com seu funcionamento, ou seja, Eros afirmando e unindo, Thânatos negando e expulsando. Freud (1925) deixa bem claro que o prazer em negar é uma desfusão pulsional, é a pulsão de morte em seu lado bruto, destrutivo. Provando, assim, para ele, que essa é a prova mais bem sucedida de descoberta do inconsciente⁴.

A essa concepção da negação se ajusta muito bem o fato de que na análise não ocorre nenhum “não” vindo do inconsciente, e de que o reconhecimento do inconsciente por parte do Eu se expressa numa fórmula negativa. Não existe prova mais contundente da bem sucedida descoberta do inconsciente do que quando o analisando reage com a frase: “*Não foi isso que eu pensei*” ou “*Nisso eu não pensei (nunca)*” (Freud, 1925, p. 310).

Negar o que se vê é uma problemática que atravessa as paredes da clínica até chegar à cultura (e vice e versa), com inúmeros estragos. Não há toa,

Freud percebe desde cedo com “suas histéricas” a dificuldade que o sujeito tem em admitir e suportar o que vê. O ato de ver impõe a obrigatoriedade de dar conta daquilo que somos e fizemos conosco. Frente a isso criamos fantasias, defesas, delírios, sintomas e toda forma de negar a realidade que se coloca ali. A partir daqui, temos com Freud um norte para iniciarmos nossa aposta de onde se originam as fantasias negacionistas que tão bem abastecem a mente fanática. Uma forma de fantasiar suicida, como dito em Cassorla (2022), é o movimento controverso de Narciso, que se afoga no caminho da busca de seu amante que era ele mesmo. A fusão com seu objeto idealizado, gerando um parto contrário e colapsando o sujeito de uma vez. Essa forma de analisar o ato de Narciso nos remete a uma sociedade que de tanto insistir em continuar Narciso, cria uma realidade paralela que fulmina toda possibilidade de defesa racional, retirando a face protetora da mentira no social e inserindo o sujeito em um cenário delirante, onde o crédito da mentira nem sequer pode ser cogitado. O que há? A aceitação de fato de uma outra realidade junto a perda da razão. Falamos de um “delírio acordado”, de uma mente fanática. O fanático não realiza uma mentira consciente como a maioria, sua negação da realidade está ligada a processos mais complexos que resultam do pânico de desamparo a idealização da onipotência. Essa nova percepção da realidade é vista por eles, como imprescindível para a sobrevivência da espécie humana, é a criação de um mundo ausente de tudo que ameaça o que para o fanático é impossível de ver, e precisa ser negado a todo custo. Junto dessa ameaça ao “novo mundo” idealizado do fanático, cresce o ímpeto de destruição a todos que discordam, os colocando na cena como passíveis de controle, eliminação ou dominação.

Os grupos fanáticos de Jim Jones e Heaven’s Gate se matam com a certeza de vida especial após a morte. O adepto das testemunhas de Jeová prefere morrer a receber uma transfusão de sangue. A fantasia de onipotência é projetada nos mitos, ideologias e religiões, mas persiste dentro da mente primitiva. Grupos humanos se sentem, como o bebê mítico, “criadores do mundo”, fanáticos e possuidores da verdade. (Cassorla, 2022, p. 46)

O documentário de Caio Cavechini, *Extremistas.br*, de 2023, mostra o funcionamento fanático das mentes bolsonaristas. Pessoas que vão além da senhora fanatizada pelo domínio comunista das antenas HAARP,

peças que se entregam a esse funcionamento pela insatisfação geral com a cultura. Vivemos em uma cultura geradora de desamparo e desmentidos que acabam por “jogar no colo” de movimentos extremistas sujeitos desesperados para sentirem alguma proteção e senso de importância. Isso é muito bem demonstrado no documentário, por exemplo, ao acompanhar a militância de um jovem que, em uma das suas falas, deixa bem claro que sua continuidade no movimento está atrelada à percepção de ser acolhido, percebido e tornado importante. O desamparo torna a todos alvos fáceis de líderes tiranos e ideologias violentas. Essa necessidade de proteção, para Cassorla (2022), é primitiva, pois deve ser vista como um “fetiche do bebê”. Ou seja, esse bebê, como a humanidade de uma forma geral, reclama da mesma coisa, vai do paraíso (primeira mamada) até o inferno (ausência de proteção e cuidados), e com isso exige continuamente seu retorno à posição inicial. O que percebemos como mediação de um lugar ao outro é a forma como as relações sociais vão se dar na cultura.

Em contrapartida, o discurso neoliberal, a ausência de proteção das instâncias governamentais, o excesso tecnológico e outras crises globais apontam cenários de paralisia do sujeito na segunda posição, a do inferno; com isso, fatalmente criam sujeitos desamparados e desesperados que acabarão por se colocar no funcionamento fanático, e cada vez mais perigoso, como forma de sair desse “inferno particular”. Para fugir do desamparo, vale qualquer coisa, inclusive a negação da realidade para instituir o funcionamento fanático como possível ferramenta de retorno ao paraíso, é uma delas. Vimos que o maior perigo de todos é não dar atenção ao crescimento desse movimento. Ele não deve ser visto como algo a parte do campo de pesquisa da psicanálise e nem como “ridículos passageiros” de um fenômeno cultural. Muito pelo contrário, a contemporaneidade e todas as suas variáveis não param de criar cenários frutíferos para a proliferação de mentes fanáticas, que como já visto, são capazes de tudo.

Percebe-se ser muito difícil falar e pensar o fanático sem atrelá-lo a uma massa, a um líder e movimento autoritário. As massas, preocupação e curiosidade nascentes muito antes de Freud, segundo Santos (2022), sempre se mostravam como reativas à destruição, na percepção de seus adeptos, de valores religiosos, políticos, morais e novidades latentes. Com isso, empossam um líder capaz de reorganizar

tudo que está comprometido, trazendo paz, ordem e justiça. O solo ideal é sempre aquele que pede por alguém que seja capaz de dar segurança e acolhimento ao povo. Um messias!

As relações ocorrem, de acordo com Freud (1921), com a forma de investimento narcísico de cada um. O estudo das massas, seja igreja e/ou exército, à qual Freud atribui o nome de massas artificiais, mostra de forma bem clara o mecanismo de identificação, em que, diferentemente da idealização, que é primitiva e também espelhada no pai, o objeto se coloca no lugar do ideal; na identificação, o objeto se instala no próprio ego. Nasce, assim, o fundamento de funcionamento das massas primárias e a irredutibilidade dos afetos apresentados na mesma. Tal *modus operandi* mostra uma forma de reviver a horda primitiva. Essa forma de identificação estende a relação do sujeito com o “eterno” chefe da horda, a quem necessito me submeter e com isso abastecer a ilusão de proteção e onipotência perante a vida. Temos mais uma dualidade, um paradoxo freudiano. Passamos do momento primitivo para o civilizacional, porém a manutenção do civilizacional depende do eterno reviver primitivo, e uma forma de isso ocorrer é o surgimento inevitável de massas, sejam primitivas, artificiais ou até transitórias. Percebemos assim que a psicologia social, para Freud, se fundamenta na ausência de liberdade do indivíduo inserido em uma massa. Quanto mais vinculado libidinalmente, mais alienado está o sujeito a esse objeto adorado, e sem o pensamento fanático para proteção do objeto, nada disso seria possível.

Vê-se um movimento de alienação do sujeito inserido nas massas diante da fantasia de estar em amplo relacionamento com o pai, primitivo para Freud, e toda sua onipotência. Esse movimento reencarnatório, se podemos assim nominar, gera uma submissão nas massas e uma consequente expiação da culpa pelo parricídio. Para Mezan (2019), esse movimento ajuda a escoar parte das exigências pulsionais agressivas que a cultura insiste em reprimir. No fim, se trata da nostalgia do pai, muito bem definida por Freud em *Totem e tabu* (1913). E esse é o enigma a ser constantemente estudado, esse processo histórico-psicológico determinante imposto por Freud, em que, apesar das sublimações, é na neutralização das pulsões de morte, muitas das vezes expostas em forma de agressividade, que consiste no essencial da cultura. Cultura essa que

traz um mal-estar, não só das repressões sexuais, mas, antes de tudo, das repressões da agressividade humana. Essa, sim, a mais perigosa de todas.

O sacrifício imposto ao homem, porém, é para Freud mais poderoso do que as possibilidades de satisfação pulsional oferecidas pela cultura, e isso não apenas devido às limitações crescentes impostas à sexualidade, analisadas anteriormente, mas também e, sobretudo por causa da coerção, muito violenta, das tendências agressivas. É por meio do superego e do sentimento de culpabilidade que se dá essa coerção. (Mezan, 2019, p. 389)

Vimos, com isso, a importância do conceito de Identificação e a sua ligação com a estrutura das massas. Além disso, a obra de Freud mostra de forma relevante a onipresença do outro na formação subjetiva, ou seja, o sujeito se encontra definitivamente no campo do registro do Outro da cultura, fazendo com que Freud não cinda o individual do social. Uma das coisas que precisam ser evidenciadas, até porque é o motivo central da existência das massas, é o papel e a definição do líder. Segundo o texto de 1921, as massas exigem um líder violento, que a domine e a reprima, necessitam temê-lo e buscam ir contra qualquer tipo de progresso. O que, por si só, já gera um movimento antagônico à função do laço social e transgredir a cultura. Tal movimento de procura de um líder se coloca a partir de o momento que um grupo, ainda que pequeno, se reúne. É como se fosse um movimento “instintivo” de busca de autoridade suprema. “A massa é um rebanho obediente, que nunca saberia viver sem um senhor” (Freud, 1921, p. 150). E submetida a qualquer um que se proponha a coordená-la. A expressão “qualquer um” é um pouco mais bem-definida quando tal sujeito é conceituado por termos como: pessoa fascinada por uma crença; possuidor de imponente vontade; fanático por sua própria vontade; e possuidor de poder misterioso e irresistível, denominado como “prestígio”. Tal denominação não é bem explicada, pois a ela só é atribuída à capacidade de gerar uma fascinação hipnótica e obediência por meio de uma magia magnética. Esse nível de abstração provoca um hiato que não será preenchido na obra de Freud, mas que nos abre possibilidades de continuar desenvolvendo conceitos para o entendimento do fenômeno, ainda presente no contemporâneo, como o bolsonarismo e sua “fábrica” de fanatismo.

OS MECANISMOS ALIENANTES DO BOLSONARISMO

Faz-se necessário entender o que é o bolsonarismo e porque ele provoca tanto furor nas pessoas. Por que o ex presidente da república se transforma em uma persona de tal peso a ponto de virar um conceito? Nosso intuito agora é pensar por diversos autores, as diversas formas de entender como isso foi possível na história da nossa jovem democracia. De acordo com Martins (2021), a questão do bolsonarismo é de devoção,, a ponto de chamar esse movimento de “religião do bolsonarismo”. Isso se expressa fortemente na forma de apoio que os neopentecostais e católicos deram a Jair Bolsonaro e todos os seus discursos e atos. Bolsonaro, então, alça a posição de ungido de Deus, o qual ninguém toca ou será castigado. Esse alto posto lhe dá o benefício de falar dos ideais de Cristo e não ter compromissos com este, fato demonstrado com suas políticas anti-Deus dos cristãos. “E daí?”⁵ Essa ambiguidade, anticristã e anticonservadora fixa Bolsonaro em seu interesse pelo jogo do poder e não pela ideologia proferida em discurso. Discurso este que marca o bem contra o mal, no qual ele é o defensor de tudo contra todos, proporcionando grande idolatria no meio religioso. Conforme Martins (2021) afirma, preferências fazem parte do jogo democrático, mas devoção não. A partir daí, Bolsonaro fica acima de todos, até de Deus!

Vimos com Nunes (2022) que o bolsonarismo se consolidará no Brasil por muito tempo, pois vai além da figura do próprio Bolsonaro, representa algo que se retroalimenta a muitas décadas nesse país. O extremismo não cessa de defender e acreditar piamente que há fatores muito errados com o país, porém errados dentro da própria visão extremista em relação à vida. Não analisar a raiz desse pensamento e a partir daí esquadriñar um combate eficaz a essa extrema direita, enraizada, é atribuir a um grande problema uma pífia solução. “Não existe visão de mundo “inocente”. Em nenhum sentido tal visão de mundo existe [...] a tomada de posição a favor ou contra a razão é decisiva.” (Lukács, 2020, p. 11). Eis a missão dada! Entender os discursos e se posicionar, pois utopias e distopias não podem ser difundidas como metas na cultura e com isso, passarem despercebidas e apoiadas. Uma visão de mundo plena, confortável e de qualquer cunho de superioridade moral é obra do irracionalismo, e contra isso devemos

nos atentar. Aqui nasce o que muitos chamam de comportamento ou pensamento fascista. Para Tiburi (2020), fascismo é um termo usado para denominar os mecanismos políticos usados para fins autoritários e para o encantamento das massas pelo ódio, este sendo usado como compensação emocional e validando a existência humana, pois para muitos a agressividade é a única via de compensação contra a frieza de suas próprias vidas. O sujeito tem suas emoções primitivas acionadas, o grito é a ferramenta contra o inimigo, “funda assim a coletividade unida pela violência para destruir por destruir.” (Tiburi, 2020, p. 32). Pode-se dizer que o fascismo é um gozo proveniente da ausência da sensação de se sentir vivo, uma forma de fazer política destruindo a própria política.

Retomando o desenvolvimento do conceito de bolsonarismo, para Bógea (2021), a idolatria bolsonarista é o que vimos de mais intenso na história contemporânea do mundo. Isso se dá pela estrutura do aparelho psíquico, que é se projetar em outros, sustentar a ilusão da onipotência e negação da realidade. E são esses fatores que o autoritarismo político precisa para nascer. Ele precisa gerar o desejo de poder absoluto, poder esse que está no outro, sendo assim a submissão absoluta emerge em favor de uma ilusão que vem, literalmente, de berço. Como dito, o aparelho psíquico é instituído a partir da submissão absoluta ao poder do outro, fazendo nascer o desejo absoluto de ser desejado e dominado por esse ser mítico e onipotente. Isso gera uma ilusão de completude em que este Outro terá a condição de me livrar de todo mal e ainda me satisfazer. Ao que parece, o fanatismo já deixa suas primeiras intenções a partir daí. Percebe-se que o próprio funcionamento originário do aparelho psíquico nos coloca a desejar a onipotência no Outro e, com isso, gera autoridades absolutas a quem devemos nos submeter e adorar, vide igreja, exército e política. Bolsonaro conseguiu as três! O messias ungido, o militar exemplar e o líder político incorruptível. Uma pessoa que o enxerga dessa forma, e infelizmente são milhões de acordo com os números de voto, o projeta como uma divindade alada cuja palavra é lei! Infalibilidade absoluta, o contrário disso deve ser expurgado, morto. Não importa o que ele diga ou as provas exibidas contra ele, um bolsonarista o trata como um fundamentalista trata Deus, retirando a sua culpa totalmente. Não se culpa Deus! Percebe-se, aí, conforme Dutra e Silva (2022), que o

mal deixa de ser reconhecido como mal e a percepção de juízo se relativiza ou é anulada. O que não deveria ser normatizado é normatizado, que é o desejo agora justificado de extermínio do outro, ou seja, o que estava velado no inconsciente, agora é exposto e autorizado no laço pelo líder, ou melhor, pelo mito. Uma nova realidade é criada para dar conta de todo esse processo, afiançado pelo ódio e instigado pela segregação.

O discurso de Bolsonaro se prestou a essa sedução ignorante da possibilidade de destruir e eliminar do cenário político a própria possibilidade da política democrática, que são as diferenças, o diálogo e o dissenso. Seu apelo tocou as massas e sua potencialidade destrutiva [...] Dessa forma, a indiferença associa-se ao gozo inescrupuloso do que tudo pode, desvelando sua potencialidade destrutiva, sendo aliada da força de repulsa pelas diferenças, remetendo-nos às paixões como vetores de composição de campos políticos autofágicos/suicidários. (Dutra & Silva, 2022, p. 101).

O exército de fanáticos que ronda Bolsonaro se identifica com ele por quererem ser como ele, ou por se acharem iguais a ele; porém, com Bolsonaro, tudo que sou ou quero ser é extremamente maximizado na sua figura. Para Bógea (2021), Bolsonaro é tudo que os brasileiros realmente são, pois “como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico?” (Bógea, 2021, p. 22), o que ratifica que Bolsonaro não está lá apesar de ser o que é; é justamente o contrário, ele está lá por causa do que ele é e pelas atrocidades que faz e fala. A postura ressentida de seus seguidores demonstra bem isso, ou seja, não tenho ou sou o todo poderoso porque alguém me impede, se pudesse eliminar esse outro que me impede, seria totalmente feliz e por isso devoto ao meu mito o meu ideal de vida. Essa forma de se esconder, negar, a vida em sociedade, é uma maneira de não ver a nossa infinita incapacidade de completude, nosso desamparo continente e o mal-estar inerente a vida em sociedade. Para muitos, a manutenção do ressentimento é mais fácil, conceito que falaremos mais a frente, pois organizo minha economia psíquica em torno de odiar eternamente quem, na minha fantasia, é responsável por minha infelicidade. É importante salientar que esse *modus operandi* de vida se mostra em várias formas de relação, em pares ou até entre países e continentes. O ressentimento de classes é uma forma objetiva de

demonstrar isso, a partir do momento que através do nosso narcisismo das pequenas diferenças, eu me aposso do poder de definir quem pode o que e em que lugar. Fato antigo na nossa história: mulheres não votam, negros não podem ser livres, pobres não devem andar de avião, cotas são para preguiçosos, direitos humanos é palhaçada, etc.

Há uma parcela das nossas classes médias que se identifica imaginariamente com as elites e julga que por possuir um apartamento relativamente bem situado com um carro relativamente novo na garagem – ambos financiados em 30 anos – é verdadeiramente rica. A verdade é que mesmo as classes médias mais bem estabelecidas, com seus salários mensais de 5 a 10 mil reais, ainda se encontram matematicamente muito mais próximas dos 900 reais mensais do salário-mínimo do que dos mais de 170 mil mensais dos verdadeiramente ricos. (Bógea, 2021, pp. 71-72).

Percebe-se uma relação imaginária controversa com essas pessoas, pois não podem perceber a ascensão de outras sem visualizar a sua própria queda. Essa relação fica mais evidente na classe média, pois vem dela o maior índice de votação em Bolsonaro e a disseminação das suas demandas ressentidas. A afirmação de um passado muito melhor, porém foi destruído devido à liberdade dada a certos tipos de gente. Vê-se um mundo antigo e idealizado cuja destruição é culpa dos gays, dos professores universitários, da *TV Globo*, dos comunistas e etc. Esse ressentimento com o presente se sustenta apenas na ilusão de poder, e nada mais. E é justamente nessa ilusão que Bolsonaro cresce, e cresce como o messias que irá nos levar a um tempo em que todos éramos muito felizes. Um messias branco, hétero, conservador, cristão, militar e de classe média alta. Tem-se o modelo ideal do ressentido, um Deus todo poderoso onde podemos amar e nos devotar cegamente, e uma autorização do mesmo para despojar todo nosso ódio avassalador contra tudo e todos que não sejam como nós! Voltamos à fantasia de poder absoluto, que se articula a verdade absoluta, que pela sua óbvia impossibilidade de sustentação, se apegará cegamente a toda e qualquer forma de negação da realidade, criando inimigos imaginários, disseminando *fake news*, apoiando anticiência, genocídio, exclusões e destruições da própria cultura, até porque esses sujeitos não se veem no mundo de fato, e sim no mundo do seu Deus.

Retornando ao conceito de ressentimento, vimos em Kehl (2014) que este é um mecanismo de defesa do ego que trabalha em conjunto com o narcisismo, em que a falta, em sua dimensão imaginária, é vista apenas como um grande dano. Com isso, o sujeito responsabiliza fortemente um outro por tudo aquilo que o faz sofrer. Gera-se um excesso de memória sobre o fato que acaba por provocar o esquecimento de algo. Talvez o encontro com seu próprio desejo. Como o ressentido se coloca como incapaz de perdoar, vive eternamente na posição de vítima de um mal sempre atribuído ao outro. Portanto, seu desejo permanece escondido e sua necessidade de atividade perante a vida é esquecida. Percebemos que, ao contrário do recalçamento, o ressentimento não propõe resposta para a ofensa recebida e com isso, o Ego se torna o receptáculo dos impulsos agressivos transformados em passividade e impossibilidade do esquecimento, respondendo, assim, do lugar de um vingativo e sem se reconhecer como tal. Paradoxalmente, a vingança nunca chegará, e essa posição se tornará o local da existência do sujeito na vida. Percebe-se que o ressentido precisa de um outro para estabelecer uma condição de dependência e de cunho infantil. Um Outro poderoso, que o proteja e o reconheça. Assim ele não sai da dependência infantil estabelecida com esse líder, e opta pela proteção à liberdade. Ou seja, esse sujeito ressentido institui um protetor que é a representação das “figuras que, na infância, tinham poder efetivo para proteger, premiar e punir a criança [...] que determina que o ressentido se represente não como faltante, mas como prejudicado” (Kehl, 2014, p. 18).

Todo movimento de busca pela onipotência, evidencia a incapacidade dos outros em buscar a sua singularidade. Troca-se uma coisa por outra, até porque não tem como as duas coabitarem. Deixo para trás minha capacidade de construir algo meu para me alienar a uma idealização do Outro. Não defendemos um sujeito sem idealizações ou sem uma relação com o Outro, mas defendemos a possibilidade de não assujeitamento. Este demonstra claramente seus perigos ao se evidenciar na cultura, mas especificamente nas massas verticalizadas, coordenadas pela pulsão de morte, muita das vezes a sua face bruta de pura destruição é a única coisa que emerge de lá. Isso nos coloca de frente para o paradoxo que são os grupos, já que eles sempre nascem de idealizações e, muitas vezes, com inimigos confessos. Trabalhar a singularidade, a alteridade e a

não submissão é algo hercúleo e, para muitos, impossível de se imaginar. Não caberá ao nosso trabalho o desenvolvimento desse assunto, porém não podemos deixar de evidenciar a necessidade de seu aprofundamento e debates constantes na sociedade. No momento, optamos por pontuar, conforme Bógea (2021), que um sujeito fraco é aquele que precisa se apegar ao poder e, com isso, se diz forte, mas não o é. Já os ditos fracos, na verdade, são fortes justamente por pensarem ao contrário.

Percebemos que o modo de operar da massa bolsonarista encontra explicação, também, em Sloterdijk (2002), que se utiliza de uma expressão muito curiosa para qualificar uma formação de massa: “De repente fica tudo preto de gente!” O filósofo usa essa expressão para evidenciar o colapso que são as formações de massas na sociedade, um retrato pré-explosivo, construído por motivos opacos e constituído por nódoas humanas cujo ajuntamento faz ficar tudo preto. E é justamente esse ajuntamento que sustenta a massa, gerando a desinibição desmedida. O modo midiático, no contemporâneo, acelera o processo de adoração e idealização da liderança, modificando fácil e rapidamente a percepção do objeto amado e admirado, fazendo emergir a superestimação e a narcotização dos seus membros. O líder, apesar da vilania, rudeza e vulgaridade é aceito por todos, pois ele tem “as infâmias sonhadoras dos mais variados grupos [...] Irmão Hitler estendia a mão para todos que queriam realizar fatalidades em seu próprio favor”. (Sloterdijk, 2002, p. 31). Vê-se que a massa pós moderna para se formar necessita de um líder popular e desprovido de caráter. Qualquer semelhança, não consideramos que seja mera coincidência.

O FUNCIONAMENTO FANÁTICO

Fanatismo, negacionismo e populismo são termos que consideramos andar juntos, se relacionam e se complementam, por isso, pensá-los de forma separada é algo que consideramos equivocada, e não será tratado assim neste artigo. De acordo com Lima, Almeida et al. (2022), o líder populista, que precisa ser negacionista, se sobressai como o único capaz de organizar um estado de desordem declarado na sociedade, uma espécie de antídoto. Por várias vezes, Bolsonaro se coloca como a ÚNICA opção e não como uma opção, sempre vinculando a essa afirmação o nome de Deus.⁶

Para Silva da Silva e Bittencourt (2022), expressões usadas para realizações de ato vão sempre além do relato, pois são performativas e muitas das vezes acabam por se constituírem como atos realizados não passíveis de análise racional. Acabou porra!⁷ (sic) afirmação muito utilizada para combater algo que não agradava o então presidente é um exemplo disso, pois mesmo que só demonstre um destempero emocional do mesmo, não é mais visto dessa forma, não é mais passível de incerteza. “O ato de fala atualiza sua força no momento em que ele acontece. O performativo não tem seu referente fora dele ou antes dele ou diante dele.” (Silva da Silva & Bittencourt, 2022, p. 120). Com isso, provoca nas relações com seus seguidores uma reação fanática, pois pouco importa para estes a instabilidade dos ditos do seu messias, o que vale é a ilusão de tê-lo como antídoto, assim não há espaço para qualquer diversidade, o bolsonarismo se firma como o encerramento da alteridade, do outro, do que não é o “cidadão de bem”. Este, de acordo com Rodrigues (2022), consequência de desgoverno e falta de cuidado, o produto de um desamparo social.

Tal desamparo abre as portas para um negacionismo generalizado, um apego desmedido à mentira. Assim, temos o cenário de desordem declarada, visto como anomia, gerando insegurança existencial e aumentando a busca por um líder forte e infalível. O medo se torna um protagonista da vida e preocupações de cunho material ajudam a aumentar o desejo por esse tipo de líder autoritário, já que junto com esse medo vem um aumento considerável de desconfiança nas instituições e um desejo da destruição do que há, ou seja, a democracia. Conforme Gomes (2019), Bolsonaro é um grande desqualificador das instituições e da política em si, fortalecendo assim sua postura de antídoto frente a tudo que está aí, o que acaba por manter a população frente a um processo de colonialismo eterno e, dito mais uma vez, mantido pelo medo. Conforme Jorge, Mello e Nunes (2020), esse sentimento provocará crenças delirantes e conspiratórias para tentar explicar o inexplicável e com isso atribuir culpados para destruir. Um movimento que é facilmente desencadeado toda vez que somos invadidos pelo desconhecido. Nesse momento, o medo vem como uma espécie de ferramenta trazendo a validação para negarmos tudo que é necessário para nos desviar de qualquer experiência insuportável ou dolorosa. A cada um o quinhão a que tem direito dentro de sua história.

Antes de discorrermos mais sobre o fanatismo, é necessário falar um pouco mais sobre o negacionismo. O que de fato ele seria? Para Pasternaki e Orsi (2021), negacionismo não tem relação direta com a dúvida sobre a ciência em si, e sim sobre não ter que se haver com as consequências da realidade, não ter de se haver com a realidade como ela é, algo já proposto por Freud e definido no início desta pesquisa. Nego a realidade climática para não ter que cuidar do que preciso para preservar o planeta. Além disso, o negacionismo costuma vir de grupos ideológicos que se sentem ameaçados com o que a verdade quer mostrar. Nesse momento, usam-se muito as teorias da conspiração na tentativa de restrição da liberdade de análise do outro, de inviabilizar a reflexão pela via do medo. Se interpretadas literalmente, estruturam movimentos radicais em que nada mais se mostrará com força o suficiente para penetrar na bolha ideológica radical criada. Um discurso negacionista pode ser estruturado de forma tão absurda a ponto de termos na história pessoas que ainda negam o holocausto, por exemplo. Nega-se tudo: a história, a ciência, a lógica. O objetivo da postura negacionista é alienar o sujeito em prol de uma ideologia que mantenha uma posição de poder e, para isso, deve-se isolar o outro negando até sua própria existência. O negacionista está interessado em manter a sua verdade e não em buscar uma explicação real sobre o que defende. Ao falar para um negacionista, deve-se focar primeiramente do que ele está se defendendo, posteriormente por quê. Não é sobre debater ideias e fatos, mas se trata da necessidade de negar algo para se proteger de outra coisa. Um debate só existe quando ele é possível. Um negacionista defende o impossível; então, não é sobre debater, e sim sobre a manifestação do seu sintoma.

Os negacionismos tendem a cumprir pelo menos uma de três funções: confundir o debate, paralisando a tomada de decisões ou embaraçando a adoção de políticas públicas; criar um espaço psicológico que permita que certas atitudes irracionais sejam apresentadas como razoáveis ou dignas de mérito; e gerar sentimento de solidariedade ideologia, lealdade e coesão interna em grupos que partilham de uma identidade comum. (Parternaki & Orsi, 2021, pp. 210-211).

O fanático negacionista, de acordo com Cassorla (2022), vive para atacar a razão do outro, pois se alimenta da disseminação de controvérsias. A liberdade de pensamento é uma ameaça, pois tal cenário possibilitaria o

questionamento de suas “verdades”. A liberdade e a democracia são uma ameaça ao fanático, por isso a paixão a Bolsonaro só aumentava quando ele afirmava que o Brasil é para as majorias. Coisas como essas eliminam a convivência e a capacidade de pensar, objetivo do funcionamento do fanático negacionista. Este, só tem como se manter nessa posição, se o cenário for esse, de destruição de tudo, sem brechas para qualquer diferença. O mundo do fanático é delirante, esses sujeitos apresentam um funcionamento psicótico parcial da personalidade, e isso é provado quando os mesmos não apresentam dúvidas sobre absurdos defendidos em seus discursos como: terra plana, vacina causa autismo, os comunistas manipulam o tempo pelas antenas HAARP e, talvez o pior de todos, Bolsonaro é o ungido de Deus que vai salvar o Brasil. A ausência de dúvidas retira o sujeito do funcionamento neurótico e o coloca em coexistência ao funcionamento psicótico, provavelmente por inúmeros desajustes na infância primitiva, que de tanto aterrorizada agora precisa aterrorizar. Sabemos da necessidade de um maior aprofundamento, sugerido como material para outro artigo, dos mecanismos intrapsíquicos que expliquem melhor o funcionamento fanático negacionista.

A onipotência do pensamento do fanático faz pensar a discordância do outro como rivalidade destrutiva, inveja e perversidade e, em nome dessa verdade, ele pode destruí-lo. Vimos isso no caso do pastor Anderson Silva, que em um programa do Youtube incita aos fiéis que orem a Deus para que este quebre a mandíbula do Presidente Lula (*sic*).⁸ O fanático se vê como um salvador do outro, porém uma salvação a qual você tem que aceitar, ou morra! Não há altruísmo, há sadismo-masochismo evidenciado no funcionamento de narcisismo de morte. Essa necessidade de matar o outro, de acordo com Ferrari (2023), é explicada pela impossibilidade de admitir a presença desse outro e a diversidade que ele traz, pois o amor e investimento do fanático é a total eliminação de quem pensa diferente. Esse ódio é a linguagem do fanático que expressa constantemente em ato, o que faltou de investimento para si.

A postura desse dito pastor pode ser explicada por Oz (2015), ao afirmar que ao fanático falta humor e curiosidade. O primeiro destrói a rigidez do pensamento e o segundo abre espaço para procura de outras verdades. Postura necessária e excessivamente ausente neste caso. Como já dito, essa

postura delirante expõe o sujeito ao ridículo do delírio, pois o que ele busca no final, nunca será encontrado. “O fanático nunca fica mais feliz ou mais satisfeito no final, ou está morto ou vira uma piada.” (Oz, 2015, p. 48).

PARA CONCLUIR

À guisa de concluir, não temos a menor intenção de finalizar o entendimento do que a pesquisa desse artigo propõe, mas sim, estimular a continuidade da mesma. Muito são os critérios e formas para a busca do entendimento do fenômeno do fanatismo e negacionismo na contemporaneidade. Percebemos no cenário internacional o crescimento desse movimento e com isso, sua mais preocupante consequência que é a violência e agressividade. Não à toa, a maior preocupação de Freud no que tange a manutenção da cultura.

Percebemos no Brasil que a política atrelada às redes sociais nos parece ser o cenário onde o fanático negacionista mais prospera. Segundo Empoli e Bloch (2019), é obra dos engenheiros do caos decifrar os algoritmos que passam a explorar o ódio como um mecanismo infalível para realização de qualquer objetivo. Com isso, cria-se um cenário em que as novas gerações, principalmente, só conseguirão exercer seu papel cívico condicionado a extrema violência, negação da realidade e sem tabus, em que qualquer coisa oferecida diferente disso não será mais aceita.

REFERÊNCIAS

- Alves, C. (s.d.). Pastor pede que Deus arrebente mandíbula de Lula e adoeça ministros do STF. *UOL*. Recuperado em <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/06/16/pastor-pede-que-deus-arrebente-mandibula-de-lula-e-adoeca-ministros-do-stf.htm>, em 20/06/2023.
- Behnke, E. (2022). Bolsonaro nega ser “salvador”, mas ser a “única opção”. *Poder 360*. Recuperado em <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-nega-ser-salvador-mas-diz-ser-a-unica-opcao/>, em 18/06/2023.
- Bógea, D. (2021). *Psicologia do bolsonarismo*: por que tantas pessoas se curvam ao mito? SP: Oficina de Filosofia.
- Cassorla, R. M. S (2021, dez.). Arrancando os olhos: reflexões sobre negacionismo. *J. Psicanal.*, São Paulo, 54(101):35-55. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352021000200004&lng=pt&nrm=iso, em 01/02/2023.
- Cassorla, R. M. S. (2021/2022). Fanatismo e negacionismo. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 37(1): 113-128. Recuperado em <https://spbsb.org.br/web/wp-content/uploads/2022/08/Fanatismo-e-negacionismo.pdf>, em fev. 2023.
- Dutra, W. H., & Silva, B. C. (2022). Um Ubu para Chamar de Nosso: Ensaio sobre o Bolsonarismo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 01. (online version). Recuperado em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/66481/41777>, em fev. 2023
- Empoli, G., & Bloch, A. (2019). *Os engenheiros do caos*: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar. Belo Horizonte: Vestígio.
- Equipe G1. (2021). “Acabou porra!”, diz Bolsonaro sobre ordem do STF para operação contra aliados. *G1*. Recuperado em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/28/acabou-porra-diz-bolsonaro-sobre-ordem-do-stf-para-operacao-policia-contr-aliados.ghtml>, em 18/06/2023.
- Equipe Tecmundo. (2022). As antenas do projeto HAARP podem causar chuvas e mudar o clima? *Tecmundo*. Recuperado em <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/255146-projeto-haarp-causar-chuvas-mudar-o-clima.htm>, em 18/06/2023.

- Extremistas.br. (2023). Caio Cavechini. *Globoplay*. Documentário. Brasil.
- Ferrari, C. A. (2019, mar.). Fanatismo, ódio e narcisismo de morte. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, 53(1):93-106. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000100008&lng=pt&nrm=iso, em 01/02/2023.
- Freud, S. (2016). A negação (1925). In *Neurose, psicose e perversão*. Tradução Maria Salzano Moraes. (pp. 305-326). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. (pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1913/2012). Totem e tabu. In S. Freud. *Obras completas, volume 11: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Tradução Paulo Cesar Souza. (pp. 7-157). São Paulo: CIA das Letras.
- Garcia, G. (2020). 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. *GI*. Recuperado em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>, em 18/03/23.
- Gomes, G. D. (2019, mar.) Da fragilização dos vínculos ao retorno do mito: algumas reflexões sobre a psicologia de grupo de Freud, a democracia e a eleição de Jair Bolsonaro. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, 53(1):107-121. Recuperado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000100009&lng=pt&nrm=iso, em 01/02/2023.
- Jorge, M. A. C., Mello, D. M., & Nunes, M. R. (2020, jul.). Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(3).
- Kehl, M. R. (2014). *Ressentimento*. 4a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, C. (2022). O que é a antena Haarp, que os bolsonaristas dizem fazer chover. *Diário do Centro do Mundo*. Recuperado em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-que-e-a-antena-haarp-que-os-bolsonaristas-dizem-fazer-chover/>, em 18/06/23.

- Lima, M. E. O., Almeida, J. N., França, D. X., Santos, I. J. (2022). O surgimento de líderes autoritários: significados das posições direita-esquerda e sentimento de anomia. *Psicologia Política*, 22(54):449-466. Recuperado em <https://gruponsepr.files.wordpress.com/2021/03/o-surgimento-de-lideres-autoritarios-significados-das-posicoes-direita-esquerda-e-sentimento-de-anomia.pdf>, em fev. 2023.
- Lukács, G. (2020). *A destruição da razão*. Tradução Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; SP: Instituto Lukács.
- Martins, Y. (2021). *A religião do bolsonarismo: um ensaio teológico*. 2a ed. MS: Episteme.
- Meteoro Brasil. (2022). Chuvas nos protestos foram fabricadas por antenas, acreditam bolsonaristas. *Canal Youtube Meteoro Brasil*. Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=LcWV9t4mQms&t=127s>, em 18/06/23.
- Mezan, R. (2019). *Freud, pensador da cultura*. 8a. ed. São Paulo: Blucher.
- Molina, E. C. (2014). Alta frequência de auroras. *Ciência hoje*. Recuperado em <https://cienciahoje.org.br/artigo/alta-frequencia-de-auroras/>, em 18/06/23.
- Nunes, R. (2022). *Do transe à vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: UBU.
- Oz, A. (2015). *Como curar um fanático*. Tradução Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Cia da Letras.
- Parternaki, N., & Orsi, C. (2021). *Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*. Campinas: Papirus.
- Rodrigues, M. M. A. (2022, jul.). Sobre as pestes, o desamparo e o desgoverno. *Psicanálise e política, 1920 e 2020. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 25(3).
- Santos, V. (2022). O “condutor da massa” de Gustave Le Bon e a figura do líder no populismo contemporâneo: uma investigação sociológica comparativa. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Recuperado em <http://hdl.handle.net/11449/236349>
- Silva da Silva, C. A., & Bittencourt, X. M. (2022). Reflexões sobre (in)certezas em tempos de política armamentista. *Revista Conexão Letras*, 17(27). Recuperado em <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/123645>

Sloterdijk, P. (2002). *O desprezo das massas: Ensaio Sobre Lutas Culturais na Sociedade Moderna*. Tradução: Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação liberdade.

Tiburi, M. (2020). *Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo*. 2a ed. Rio de Janeiro: Record.

NOTAS

¹Lima, C. DCM. <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-que-e-a-antena-haarp-que-os-bolsonaristas-dizem-fazer-chover/> e Meteoros Brasil <https://www.youtube.com/watch?v=LcWV9t4mQms&t=127s>, em 16/06/2023.

²Revista Ciência Hoje. <https://cienciahoje.org.br/artigo/alta-frequencia-de-auroras/> Acesso em: 16/06/23

³Sugerimos essa publicação como esclarecimento do que vem a ser essa tecnologia. “O HAARP (High-frequency Active Auroral Research Program, ou programa de pesquisa em aurora ativa de alta frequência) é um programa de pesquisa que tem como objetivo estudar as propriedades e o comportamento da ionosfera”. <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/255146-projeto-haarp-causar-chuvas-mudar-o-clima.htm> Acessado em: 16/06/23.

⁴ão temos como objetivo, neste trabalho, discorrer sobre a etimologia do termo e nem suas reverberações dentro e fora da obra Freudiana. Nos apropriaremos das descobertas no referido artigo de 1925 para darmos sequência na nossa pesquisa sobre o fenômeno do fanatismo.

⁵Expressão proferida pelo então presidente em relação aos mortos pela Covid-19. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>.

⁶<https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaro-nega-ser-salvador-mas-diz-ser-a-unica-opcao/>

⁷<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/28/ acabou-porra-diz-bolsonaro-sobre-ordem-do-stf-para-operacao-policia-contral-aliados.ghtml>

⁸<https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/06/16/pastor-pede-que-deus-arrebente-mandibula-de-lula-e-adoeca-ministros-do-stf.htm>. Acesso em 20/06/23.